

ERICO VERISSIMO: O SENHOR EMBAIXADOR, O PRISIONEIRO E INCIDENTE EM ANTARES: UM ESTUDO SOBRE O HORROR

Profa. Dra. Maria das Graças Gomes Villa da Silva¹ (UNESP)

Resumo:

Este trabalho tem dois objetivos: 1) demonstrar que a conceituação de horror antigo e moderno, esboçada por Floriano, protagonista-narrador de O Tempo e o Vento, constitui a estruturação da novela Noite (1954) e dá continuidade à temática em O Senhor Embaixador (1965), O Prisioneiro (1967) e Incidente em Antares (1971) e 2) buscar as manifestações críticas sob abordagem psicanalítica nessas obras. O suporte teórico empregado é oriundo da psicanálise freudiana. Os elementos que marcam a expressão do horror nas obras são: a questão da culpa, sempre filiada à relação paterna, aos laços maternos, à agressividade humana, à angústia e ao enlace com os sonhos dos protagonistas. O intuito é, pois, apresentar abordagem ampliada a respeito do trabalho de Erico Verissimo, tendo por suporte a psicanálise, para ressaltar que o horror é elemento fulcral para o estabelecimento de sua poética.

Palavras-chave: horror, sonhos, angústia, agressividade

Minha pesquisa visa dois objetivos: 1) demonstrar que a conceituação de horror antigo e moderno, esboçada por Floriano, protagonista-narrador de *O Tempo e o Vento*, constitui a estruturação da novela *Noite* (1954) e dá continuidade à temática em *O Senhor Embaixador* (1965), *O Prisioneiro* (1967) e *Incidente em Antares* (1971); 2) buscar as manifestações críticas sob abordagem psicanalítica nessas obras. Para Floriano, o horror antigo está relacionado com o medo em face da Morte e do Desconhecido e o horror moderno é “o pavor da Vida e do Conhecido, o horror social causado pela violência e crueldade do homem contra o homem.

1. Erico Verissimo : O tempo e o vento

O Tempo e o Vento raramente foi analisado sob o viés da psicanálise. As primeiras análises voltam-se para a intersecção da literatura com a História, conferindo à obra o estatuto de romance histórico. Chaves (1981) ressalta a necessidade do escritor gaúcho conferir à crítica social “dimensões duma reflexão histórica” que irá sintetizar-se “na execução de *O tempo e o vento* mediante o domínio da expressão literária” (CHAVES, 1981, p.47). Mito e História fundem-se para, em tempo circular, reversível e recuperável, passar à duração histórica.

Este também é o foco da análise de Zilberman (1986), no volume em comemoração aos 80 anos do autor. Para ela, ‘O continente’ tem elementos do romance histórico, porque incorpora a História ao ficcional, mantendo-a, entretanto, “como pano de fundo e fator de referência” (ZILBERMAN, 1986, p.77). ‘O arquipélago’ revela-se como romance de formação, o que já era anunciado no volume ‘O retrato’. No entanto, Schüller (1972) em estudo anterior sobre o tempo em ‘O continente’ é um dos primeiros a destacar o desassossego existencial que rompe um pouco o foco mais restrito à História:

Erico Verissimo destrói a imagem romântica do gaúcho, que impressionava ainda Euclides da Cunha em *Os Sertões*. O leitor não resiste à conversa com as personagens do romancista porque sente-se irmanado a elas pelas mesmas angústias” (SCHÜLER, 1972, p.175).

Em estudo de 1995a, Bordini, dá proeminência a aspectos psicanalíticos na trilogia. Afirma que esta está dividida entre a História e o eu. Na análise, a identidade moderna é fugidia e o eu se revela instável. O escritor inclui a “necessidade da magia” nessa trajetória e, dessa forma, “cria-se

¹ Maria das Graças Gomes Villa da Silva, Profa. Dra.) Universidade Estadual Paulista –Campus de Araraquara (UNESP) – Departamento de Letras Modernas. E-mail: mgvs@vivax.com.br

uma tensão irresolvida entre representar a vida racional e responsabilmente dar vazão ao desejo, ao *eros* e ao *thanatos*, à sintaxe do inconsciente” (BORDINI, 1995a, p. 54).

A pesquisadora dá destaque ao sentimento de culpa que diz respeito à relação com o pai e, portanto, “tratar-se-ia da elaboração de uma culpa, hipótese que Freud provavelmente corroboraria”. (BORDINI, 1995a, p. 242). Embora tenha identificado a tese do reprimido que não se conhece e a questão edipiana na constituição de *O tempo e o vento*, Bordini (1995a) opta pelo enlace com a História.

Em obra de 200, de Bordini e de Zilberman, esta última faz leitura renovada de Luzia Cambará de *O Continente*. Revê a influência de João Simões Lopes Neto, particularmente, ligada à “Salamanca do Jarau”, inclusa em *Contos gauchescos e lendas do sul* (1957) do referido escritor e examina as cenas de “A Teiniaguá” como se fossem teatrais, com Luzia Cambará no centro do palco, revelando todo seu sadismo. Assim se manifesta: “Somente uma pessoa malévola aceitaria a missão de perder os homens; apenas um indivíduo de tendência sádica teria prazer em assistir à destruição dos demais” (BORDINI e ZILBERMAN, 2004, p.99). Embora cite o sadismo não aprofunda a questão, o que acaba por caracterizar a personagem como um caso patológico. Dá ênfase à figura de Luzia Cambará, afirmando que Erico dá mais importância à figura da mulher, “trazendo para o prosaetrio as qualidades que a personagem já detinha na narrativa de Lopes Neto, mas que eram expostas de modo tímido” (BORDINI e ZILBERMAN, 2004, p.92).

Na mesma obra, Maria da Gloria Bordini relê a trilogia e registra questões psicanalíticas. Há uma espécie de “atualização” de aspectos já estudados pela autora com a inserção de algo novo. Em “O Continente de São Pedro; Éden Violado”, o foco recai sobre o capítulo “A Fonte” e sua estruturação. A abertura do episódio é sublinhada - o pesadelo de Pe. Alonzo, mas este não é trabalhado, posto que cede lugar à contemplação da “primeira imagem panorâmica da Redução” (BORDINI e ZILBERMAN, 2004, p.53): “cena construída especialmente pela visão do padre, afligido por uma antiga culpa, mas pacificado pelo ambiente da Redução, destaca a amplitude silenciosa e amável da natureza ...” (BORDINI e ZILBERMAN, 2004, p.54). A paisagem descrita conflui para o território do paradisíaco e utópico que é estancado com o Padre diante de Pedro contemplando um punhal de prata.

Assim, os aspectos que favorecem a abordagem psicanalítica são regularmente assinalados, mas perdem a força para a aproximação com a História e o Mito. Os estudos relacionados à novela *Noite* recebem tratamento semelhante.

1. Erico Veríssimo: a novela *Noite*

Moysés Vellinho publica um artigo um ano após o lançamento da novela, que ocorreu em 1954, afirmando que Erico Veríssimo “ofereceu-nos um mundo ilógico, onde se movem criaturas irreais, como de pura extração onírica, e nem por esse motivo sentiu-se tentado a submeter a deformações pacientemente rebuscadas os dons de seu claro e seguro processo literário” (VELLINHO, 1972, p. 113). A novela talvez traduza, “na sua fantasia opressiva, um processo de autopunição”, pois o protagonista, “o Desconhecido, se refugia na inconsciência, nela mergulha e depois, tomado de um pavor difuso, agarra-se, cheio de medo, à todas as sombras, convencido de crimes imaginários” (VELLINHO, 1972, p. 115).

Esse mundo ilógico de pura extração onírica é igualmente examinado por Walzer (1969) em uma mistura de surrealismo e análise psicanalítica. Os aspectos psicanalíticos levantados destacam os distúrbios da memória, dando ênfase aos esquecimentos, conforme Freud em *Psicopatologia da Vida Cotidiana*. Aliado à perda da memória está o trauma causado ao protagonista em tenra idade, quando “vê” os pais copulando no leito, o que leva a pesquisadora a concluir: “O Desconhecido vive, assim, o problema de Édipo, filho de Laio, rei de Tebas, e de Jocasta” (WALZER, 1969, p. 81).

Revolta e desgosto contra o pai são os elementos responsáveis pelo mal-estar do Desconhecido, que acabam sintetizados em tensão: “NOITE é a tensão entre o “id” e o “super-ego”. Os conflitos infantis atuam sobre a vida matrimonial do protagonista que se “sente culpado do

afastamento da esposa”, o que o leva a andar pela cidade em “estado crepuscular”. Segundo Walzer (1969), essa é a base psicológica sobre a qual Erico Verissimo trabalha a técnica surrealista: “Os complexos recalçados do Desconhecido e as trevas amorfas do seu subconsciente surgem, dentro do estilo surrealista em imagens borradas, misturadas e confusas nesta passagem inconsciente e sonâmbula pela NOITE” (WALZER, 1969, p. 82).

Outra pesquisadora, Moreira (1992) destaca que *Noite* tenta trabalhar com a duplicidade e, por isso, adota proposta junguiana. A tese dominante é a de que “a vida e os homens são constituídos por seus duplos e não basta olhá-los apenas pelo ângulo ‘do dia’(...) , mas desvelar o seu outro lado, o da ‘noite’, que nada tem de oculto, apenas se encontra encoberto” (MOREIRA, 1992, p. 96). Crê que “Erico Verissimo aventura-se em busca do que Jung denominou a ‘mãe perdida’ – a pátria amada, idolatrada” (MOREIRA, 1992, p.98).

Se em 1992, Moreira destaca o inquietante em *Noite* e o inconsciente apresenta-se em contraponto com o consciente, no volume dedicado aos 40 anos de *Noite*, Moreira (1995b) volta-se para a característica masculina ou feminina da narrativa e destaca que em *O tempo e o vento*, o escritor-narrador usa a mesma estratégia exercitada em *Noite*: Floriano narra a trajetória familiar, desvelando os conflitos entre os irmãos e as relações conflituosas com o pai. “Neste retrocesso, o escritor (agora Floriano) precisa regredir à infância para recuperar seu passado e redescobrir sua identidade” (MOREIRA, 1995b, p. 22).

Ainda, no volume comemorativo aos 40 anos de *Noite*, a questão psicanalítica é abordada de forma mais direta por Busnello (1995b). Professor Titular de Psiquiatria, Busnello (1995b) caracteriza a caminhada do Desconhecido na noite como símbolo do “inconsciente dinâmico da personagem principal da novela e é parte da busca de sua verdadeira identidade” (BUSNELLO, 1995b, p. 25). O psicanalista aborda a questão da recuperação da memória, da reconstrução e da reelaboração da personagem sob a categorização de “transtorno dissociativo ou conversivo”. Dessa forma, a análise tende mais para a ilustração de uma patologia, confirmando o que Passos (2002) indica como tendência em alguns estudos que buscam o suporte da psicanálise.

No mesmo volume, Bordini (1995b) aborda, a angústia, associando-a ao mal da cidade. Destaca “a náusea ante a heterogeneidade de pessoas e ruas em constante movimento e a sensação de perda do eu no torvelinho das impressões...” (BORDINI, 1995b, p.36). Para Bordini, tais conflitos em *Noite* refletem a “tentativa de superação da dicotomia *basfond/grand monde*, advogando a necessidade da noite e do desvario para o autoconhecimento” (BORDINI, 1995b, p.40).

Portanto, esses estudos assinalam a existência de questões psicanalíticas tanto na trilogia quanto na novela, mas preferem voltar a atenção para outros posicionamentos. No conjunto dessas pesquisas, destaco o estudo *O horror antigo e o horror moderno em ‘O tempo e o vento’ e ‘Noite’ de Erico Veríssimo*, publicado em 2004, em que é aplicada a análise psicanalítica tanto no romance quanto na novela.

O trabalho é fruto de pesquisa realizada no período de 1993 a 1998 para minha tese de doutorado. O fio condutor é a conceituação de Floriano, ao destacar os dois tipos de horror configurados pela agressividade humana. A proposição é que tal conceituação atua como vínculo entre *O tempo e o vento* e *Noite* e se estende às obras *O senhor Embaixador*, *O Prisioneiro* e *Incidente em Antares*. No estudo de 2004, trabalho apenas com o vínculo entre o romance e a novela e, agora, busco desenvolver nessa nova pesquisa o enlace com essas outras obras.

No estudo de 2004, o “herói”, tanto no romance quanto na novela, pouco a pouco, vai penetrando em um mundo mais complexo no qual as relações entre os homens vão ficando mais tensas e despersonalizadas, corroborando a distinção feita por Floriano em relação ao horror antigo e ao horror moderno.

Os heróis da saga são caracterizados como gaúchos “humanizados”, cujas trajetórias sofrem os efeitos desses horrores responsáveis pela transição dos protagonistas de um período para outro. Entregues à ação do tempo, à transformação causada pelos avanços tecnológicos e, acima de tudo,

pelas guerras, os heróis despertam em um mundo aburguesado que lhes corrói, em parte, as características individualizantes e lhes rouba o brilho “épico”, tornando-os “heróis” apequenados.

Em *Noite*, o protagonista é o representante do que restou após o apogeu do horror moderno – a bomba atômica e a segunda guerra mundial. Se em *O tempo e o vento*, o indivíduo é enfocado antes da perda total das convicções e da “identidade”, embora já sob a influência do horror, da guerra, da morte, da angústia e da vida na cidade, em *Noite* essas forças demolidoras irão se concentrar de forma exacerbada.

Tanto em *O tempo e o vento* quanto em *Noite* há a articulação de temas ligados ao horror provocado pelo *unheimlich* e a manifestação do “duplo”. O **horror** contamina o romance e a novela, desencadeando a “angústia de existir” das personagens, o aparecimento de aspectos que criam uma cadeia associativa: a manifestação do “duplo”, a busca da identidade via memória, o sentimento de culpa, a recorrência a sonhos, o mundo “estranhado”, o encontro com o inquietante e a morte.

Em *O Tempo e o Vento*, Erico Verissimo faz de Floriano Terra Cambará o escritor que se utiliza da memória para reaver o passado e reabilitar a saga familiar, a história do Rio Grande do Sul e a nacional, com o auxílio da velha tia cega, Maria Valéria. Em *Noite*, o protagonista desmemoriado se infiltra noite adentro para tentar se encontrar. A memória constitui um elo importante na ligação de *O Tempo e o Vento* e *Noite*. A trajetória de ambos está marcada pela imaginação, dominada por **desejos** reprimidos, sobrepostos à “realidade” material, impedindo-os de “verem” a cidade onde moram e de se relacionarem satisfatoriamente com os seus.

As imagens oníricas têm papel central nesse exercício mantêm elos com a literatura regional e a estrangeira e constituem os sonhos de Rodrigo Cambará. A presença do lobo no sonho contido em *Noite*, entrelaçado com *The Hound of the Baskervilles* (1966), de Conan Doyle, reúne a tradição européia com os *Contos gauchescos* (1957), de Simões Lopes Neto, retomando a cultura popular e ampliando a eficácia do horror como desestruturador da humanidade.

O estranhamento assume forma literária, cria uma espécie de poética do horror, para definir a relação do homem com os semelhantes, desestabilizada pela agressão contra aqueles com quem convive, realçando o vibrante conflito entre Eros e Tanatos por meio do descompasso das relações entre pais-filhos, esposas-maridos e amantes. Os mecanismos adotados, ressaltados pela estranheza inquietante, conformam os temas, reforçados pelo diálogo com outras obras, incluindo a configuração feminina e o questionamento da memória, constroem *O Tempo e o Vento* e desconstroem *Noite*, sublinhando o papel da alteridade.

2.A conexão do romance e da novela com *O Senhor Embaixador* (1965), *O Prisioneiro* (1967) e *Incidente em Antares* (1971)

A conexão dos horrores atribuída a *O Senhor Embaixador* (1965), *O Prisioneiro* (1967) e *Incidente em Antares* (1971), em *O Senhor Embaixador* (1965), se mostra por meio da luta contra os antigos medos “modernizados”, colocando em ação protagonistas que, de forma diferenciada, buscam justiça para a América Latina. Em contraponto, estão figuras ilustres e corajosas, como o Senhor Embaixador, Gabriel Heliodoro Alvarado, representante, em Washington, de Sacramento, ilha do Mar das Caraíbas, e o diplomata Pablo Ortega. Cada um deles revela um aspecto da coragem e da justiça, expondo verdades multifacetadas sobre a existência humana.

Em *O Prisioneiro* (1967), a personagem central se encontra isolada em uma guerra sangrenta e estúpida na qual os homens explodem no ar ou ardem em labaredas incandescentes de *napalm*. A relação paterna também produz efeitos sobre o protagonista aterrorizado com a pele negra do pai. *Incidente em Antares* (1971) destaca o “horror” causado pelo retorno de mortos, decididos a desmascarar outro “horror” - a hipocrisia dos moradores de Antares.

A cidade se enche de pavor por essa visita sinistra e ensandecida que espalha podridão, não só oriunda dos corpos em decomposição, mas também da “verdade” trazida a público. Após o retorno dos defuntos a suas campas, os poderosos da cidade criam a “operação borracha” para

impor a todos o “esquecimento” do acontecido. Nessa obra, o tema da memória retorna de forma reversa à de *O Tempo e o Vento* e *Noite*. Nele as autoridades forçam o “esquecimento” para negar e evitar o passado, criando estratégia artificial e falsificadora que não garante o sucesso da operação.

Os estudiosos da obra de Erico Veríssimo também destacam a ligação dessas obras com a trilogia e a novela *Noite*, vinculando-as com a História. Ao examinar o percurso da criação de *Noite* (1954), Chaves a compara com *O prisioneiro* (1967) apontando que a diferença essencial entre a novela de 1954 e a de 1967 é que ao contrário de *Noite* “os fatos acontecidos em *O prisioneiro* não são um pesadelo; são reais e irrevogáveis (...) poder-se-á dizer que o Desconhecido é um antecessor de Floriano Cambará, enquanto o Tenente de *O prisioneiro* é o seu sucessor” (CHAVES, 1981, p.102).

Os vínculos que tento estabelecer nessa nova pesquisa estão apoiados na manifestação dos sonhos dos protagonistas que destaco como um dos elementos responsáveis pelo registro da desestruturação dessas figuras e que já eram empregados pelo escritor, em *O tempo e o vento*, no capítulo “A Fonte”. Assinalo que, na trilogia, a narrativa da índia ressuscitada, relatada ao cura Antônio, encontra paralelo nas imagens dos sonhos de Padre Alonzo, cujos grotescos enxames de demônios com cabeças de cão, corpos de vaca e asas de morcego, segundo o sacerdote, estão próximos da descrição da índia.

As relações entre amor e morte surgem igualmente de forma embaralhada, salpicadas de dor e náusea. Bolívar, Rodrigo e Floriano vivem na trilogia angústias, atormentados por “culpas” semelhantes às do Desconhecido de *Noite*. Os protagonistas de *O Senhor Embaixador* (1965), *O Prisioneiro* (1967) e *Incidente em Antares* (1971) têm destinos parecidos e o sonho ganha destaque em *O Senhor Embaixador* (1965) a repetir o horror à morte experimentado por Dr. Rodrigo em *O tempo e o vento*.

Outro elemento responsável pela desestruturação dos protagonistas, recorrente tanto na trilogia quanto em *O Senhor Embaixador* é a fragmentação do corpo aliada à luta no campo de batalha, despertando angústia e horror. A fragmentação corpórea, em *O Senhor Embaixador*, se assemelha às experiências oníricas de Rodrigo Terra Cambará, quando, no campo de batalha, se sentia como Cirano de Cambarac. O mesmo jogo de composição de nomes e figuras de personagens, registrado na trilogia, repete-se em *O Senhor Embaixador*, com Pablo Ortega fazendo a fusão de nomes próprios em um de seus sonhos.

A desestruturação do indivíduo e a agressividade inata no homem são também fatores desagregadores com manifestação garantida nas obras posteriores sobretudo em *O Senhor Embaixador*. O temor que provocam se aproxima do *mal-estar*, conceituado por Freud (1997). Assim, o impulso agressivo e o sentimento de culpa são repetidos nessas obras. O impacto dos interditos, das relações filiais, maternas e paternas tem papel fulcral na estruturação das atitudes dos personagens.

Em *O Senhor Embaixador*, Gabriel Heliodoro, a todo instante, tortura-se ao se lembrar da vida desregrada levada por sua mãe. A imagem do espelho partido desvela seu estranhamento e desencontro, explicitando o desconforto de sua figura e de sua culpa, repetindo mal-estar semelhante experimentado pelo Desconhecido de *Noite* e pelo descompasso experimentado pelo Dr. Rodrigo diante do conflito moral que se estabelece, quando contempla a duplicidade no retrato, que lhe pintaram aos 24 anos.

Dessa forma, o levantamento sobre a abordagem psicanalítica, contraposta ao estudo tradicional do enlace com a História e ao vínculo das obras, demonstra que tais percursos são registrados e deixados, muitas vezes, à margem a favor de outros posicionamentos interpretativos. No entanto, os personagens de *O Embaixador*, da trilogia e de *Noite* sentem o impacto do encontro com o duplo e deixam-se levar pelo desassossego como o fazem os protagonistas de *Incidente em Antares* e *O Prisioneiro*.

Referências Bibliográficas

- BORDINI, M.da G. *Criação Literária em Erico Verissimo*. Porto Alegre: L &PM/ EDPUCRS, 1995a.
- _____. O mal da cidade. In *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS – Noite: 40 anos*. BORDINI, M. da G. (org) . Porto Alegre: v.1, nº 4, 1995b.
- BORDINI, M. da G. e ZILBERMAN, R. *O Tempo e o Vento – História, invenção e metamorfose*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BUSNELLO, E. D' A. Um ponto de vista psicanalítico. In *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS – Noite: 40 anos*. BORDINI, M. da G. (org) . Porto Alegre: v.1, nº 4, 1995b.
- CHAVES, F.L. *Erico Verissimo: Realismo e sociedade*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.
- DOYLE, C. *O cão dos Baskervilles*. 5.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1966.
- FREUD, S. (1929). *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- LOPES NETO, J.S. *Contos gauchescos e lendas do sul*. 5.ed. Porto Alegre: Globo, 1957.
- MOREIRA, M.E. Noite: Uma sociedade oculta. In *Letras de Hoje*. Porto Alegre: v.27, nº 1, 1992.
- _____. Feminino, masculino ou neutro? In *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS – Noite: 40 anos*. BORDINI, M. da G. (org) . Porto Alegre: v.1, nº 4, 1995b.
- PASSOS, C.R.P. Crítica literária e Psicanálise – Contribuições e limites. In *Literatura e Sociedade*. São Paulo: USP/FFLCH/DTLLC, 2001-2002, nº 6, p.166-185.
- SCHÜLER, D. O tempo em O continente. In *O contador de histórias – 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre, Editora Globo, 1972.
- SILVA, M. Das G.G. V. *O horror antigo e o horror moderno em 'O Tempo e o Vento' e 'Noite' de Erico Verissimo*. Araraquara: Laboratório Editorial/FCL/UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2004.
- VELLINHO, M. Um contador de histórias? In *O contador de histórias – 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre, Editora Globo, 1972.
- WALZER, B. Surrealismo em Noite de Erico Veríssimo. In *Estudos Leopoldenses*, nº 11,. Porto Alegre: 1969, p.61-148.
- ZILBERMAN, R. O tempo e o vento: História, mito, literatura. In *Letras de Hoje*. Porto Alegre, PUCRS, v. 20, nº 3, p.63-90, 1986.